

ÍNDICE

Prefácio (S. E. Embaixador Affonso Emilio De Alencastro Massot)	7
1. A Curiosidade Vence o Desconhecimento. O Brasil: O seu Conhecimento Indireto e à Distância	11
2. O Brasil Holandês	39
3. Vida e Obra do Jesuíta Boêmio Samuel Fritz (1654–1725). O Primeiro Mapa do Rio Amazonas	57
4. Valentin Stansel – Um Observador Tcheco dos Céus Brasileiros	81
5. São João Nepomuceno – O Culto de um Santo Tcheco em Portugal e no Brasil	103
6. O Menino Jesus de Praga e Nossa Senhora Aparecida	117
7. Os Boêmios no Descobrimento Científico do Brasil do Século XIX: Pohl, Mikan, Schott e Outros	127
8. A Ligação dos Braganças com o Reino da Boêmia	147
9. Ferdinand Stanislaus Krumholz (1810–1878) em Portugal e no Brasil	153
10. O Brasil Paradisiáco de um Palácio da Morávia (Loučná Nad Desnou), 1840	163
11. Klementina Kalas: Uma Cantora e Colecionadora Tcheca no Brasil no Século XIX	171
12. Encontro Extraordinário do Aviador Brasileiro e do Escultor Tcheco	179
13. Dois Tchecos em Busca dos Índios na Selva Brasileira: Enrique Stanko Vráz (1860–1932) – Explorador da América – Suas Fotografias e Ilustrações, e Adalberto (Alberto) Vojtěch Frič (1882 – 1944) – As Viagens Brasileiras	191
14. O Brasil e a Tchecoslováquia Independentes – 1919–1938	207
15. Artistas Tchecos no Brasil	217
16. O Mundo Perdido de Kozák – (1897–1979)	229
17. A Dança do Tcheco Václav Vlček – (1896–1968) Escultor de Corpos e de Destinos – A Liturgia dos Corpos	237
18. Juscelino Kubitschek e Oscar Niemeyer	249
19. Artistas Brasileiros na Tchecoslováquia – Suas Visitas, Exposições e a Crítica Tcheca	259
20. A Cenografia – Ponto de União Entre o Brasil e a Tchecoslováquia	277
21. A Vanguarda Brasileira na Cenografia se Origina em Praga Hélio Eichbauer: Um Aluno Brasileiro de Svoboda Com Personalidade Própria	283
22. Três Fotógrafos Brasileiros em Praga Sebastião Salgado, Carlos Goldrüb e André Dusek	293
Nota biográfica	301

CAPÍTULO 1

A CURIOSIDADE VENCE O DESCONHECIMENTO O BRASIL: O SEU CONHECIMENTO INDIRETO E À DISTÂNCIA

Impacto do Descobrimento da América no pensamento e na iconografia tcheca

1. *A primeira informação impressa em tcheco sobre a América e o Brasil, em letra e imagem*
2. *O Brasil*
3. *Repercussão do descobrimento*
4. *Os mapas: “Theatrum Americae” e viagens culturais. O Brasil nos mapas e globos das coleções históricas tchecas*
5. *O bom selvagem invade palácios tchecos*
6. *A América personificada. Da mulher índia selvagem à grande dama*
7. *Intercâmbio de livros. Livros sobre o Brasil nas bibliotecas históricas tchecas*
8. *Outros livros sobre o Brasil colonial*
9. *Notas*
10. *Resumo*

1. A primeira informação impressa em tcheco sobre a América e o Brasil, em letra e imagem

O descobrimento do Novo Mundo – evento tão importante que no Velho Mundo não pôde passar despercebido, nem sequer naqueles países que não tomaram parte nele e o seguiam só à distância – produziu uma mudança radical no pensamento europeu¹. Se é inegável que a mera noção da América teve um papel surpreendente em cada nova etapa do pensamento europeu, também é verdade que, isso se reflete na iconografia em geral. Seus ecos chegaram até a Boêmia, apesar de esse país não ter participado do descobrimento e da conquista. Embora se advirta, ainda que com outro propósito, que “*além de recordações fracionárias, especialmente na arte aborígine, era pouco o que, de maneira testemunhal, se tinha projetado na Euro-*

pa”², tentarei demonstrar que inclusive os fragmentos desse conhecimento parcial formam uma cadeia.

Pouco tempo se teria passado desde que Cabral desembarcara no litoral brasileiro em 1500, quando apareceu, provavelmente já em 1506, a primeira informação impressa em língua tcheca.³ Trata-se de um opúsculo chamado *Escrito dos novos países...* e editado pelo impressor da cidade de Pilsen, Mikuláš Bakalář (Nicolau Bacharel).⁴

Na realidade, tratava-se de uma tradução da carta *Paesi nuovamente ritrovati*, também chamada *Nalta Mar*, de Américo Vespúcio. O fato de que já antes – quando em 1494 o mundo recém-descoberto fora dividido pelo Papa entre Espanha e Portugal, as duas potências da época – esse feito começara a aparecer de várias maneiras no pensamento das nações do Velho Mundo, inclusive daquelas que não tinham tomado

CAPÍTULO 10

O BRASIL PARADISIÁCO EM UM PALÁCIO DA MORÁVIA (LOUČNÁ NAD DESNOU), 1840

1. *Introdução*
2. *O Brasil é a nova e diversa Atenas – As expedições e sua repercussão na arte*
3. *Johann Moritz Rugendas*
4. *Papéis pintados – Jean Deltil*
5. *Notas*
6. *Resumo*

1. Introdução

A tradição de representar os índios persiste e se renova no século XIX a julgar pelas atividades de um dos mais destacados representantes do romanticismo pictórico na Boêmia, Josef Navrátil, quem realiza, entre 1836 e 1843, por encargo de Antonín Veith, pinturas em um salão “islâmico” no palácio de Liběchov, também chamado japonês ou chinês.¹ Em outra sala, chamada Índia, por causa dos vários retratos de índios, Navrátil pintou uns arabescos. Pelo péssimo estado das mesmas, hoje é difícil fazer-se uma idéia exata de como podia ser esta pintura inspirada no mundo exótico dos índios americanos. Lamentavelmente, não se conservam nem sequer fotografias do estado original.

Pode-se relacionar o uso da temática Índia ao espírito romântico dominante naquele momento nos países europeus, tendente a representar, por exemplo: os motivos dos aldeões alpinos, ou seja, bizarros, montanhosos, exóticos, típicos da primeira metade do século XIX. Esta tendência surge precisamente no princípio do século XIX, depois do impacto das idéias do Rousseauismo. É um culto à vida dos índios, romanticamente concebidos como seres no meio da “natureza virgem, não tocada pela civilização”.²

Outro fato, menos original artisticamente, mas importante para o nosso assunto é a existência de murais – em papéis pintados – no Palácio Loučná nad Desnou (nomes anteriores: Vízberk, Wiesenberg), no norte da Morávia, perto da atual fronteira da Polónia, com cenas da vida, paisagem, fauna e flora. Simplesmente, uma apresentação muito complexa da vida e da natureza brasileira, por desejo dos proprietários, os irmãos Klein. Estas visões do Novo Mundo nas paredes empapeladas que foram realizadas segundo desenhos do pintor alemão Rugendas, na versão francesa Deltil, já não falam do índio em geral, mas são expressamente dedicados ao Brasil, nos seus aspectos mais característicos.

Na Áustria e no Reino da Boêmia (incluindo Morávia e Silésia), como observamos nos capítulos anteriores, era assunto de Estado manter interesse pelo país que fazia parte da relação familiar do Imperador da Áustria Francisco II ao casar sua filha, a princesa Leopoldina, no ano de 1817, com o herdeiro do trono brasileiro e português. Sua viagem e seu matrimônio proporcionaram também expedições e pesquisas austríacas, ao ponto de em Viena se fundar um Museu do Brasil.

Assim, é compreensível que até as pessoas que não tinham nenhum interesse es-

CAPÍTULO 11

KLEMENTINA KALAS: UMA CANTORA E COLECIONADORA TCHECA NO BRASIL NO SÉCULO XIX

1. O contexto musical de Praga
2. A carreira musical de Klementina Kalas
3. América e Brasil
4. Outra vez, Europa e Praga
5. Brasil – glória e jazigo perpétuo
6. Klementina Kalas, colecionadora de objetos etnográficos
7. Notas
8. Resumo

1. O contexto musical de Praga

Klementina Kalas apareceu como fenômeno novo em Praga, em um momento decisivo de mudança no panorama musical do país, pois coincidiu com o auge do movimento musical tcheco que estava se mobilizando, consequência do esforço da nascente burguesia nacional. A segunda metade do século XIX foi, na Boêmia do Império Austro-Húngaro, um período de grande florescimento do aumento do nacionalismo, no sentido positivo de que a nação tcheca, dependente politicamente até ao fim da Primeira Guerra Mundial, deu-se conta das suas próprias forças econômicas e culturais e que, essas últimas, constituíam sua identificação.

Seis anos após a morte do professor de estética Otakar Hostinský, em 1888, na Bahia, é veiculada na imprensa sua conferência baseada no espírito do século positivista. Essa conferência, intitulada “Acerca do Progresso da Arte”, atacava “as pequenas condições” em que vivia até então o ambiente cultura tcheco.

O pensamento de Hostinský era o resultado das forças que moviam todo o proces-

so social, político, econômico e cultural da sociedade tcheca no período do Império Austro-Húngaro, no final do século XIX. A atitude enérgica dos tchecos, que aproveitaram a crise interna do império dos anos setenta, notou-se rapidamente no campo da cultura. A nova sociedade tcheca queria ter a “sua” própria arte, à sua altura, queria ter uma arte acima da cultura européia. Essa tendência foi crescendo e culminaria pouco antes da Primeira Guerra Mundial.

Coincide também com a expansão da música tcheca, seguindo o exemplo de Antonín Dvořák, que estreou sua mais conhecida sinfonia, *Sinfonia do Novo Mundo*, no ano 1893. Naquela época vivia nos Estados Unidos, onde compôs os *Cantos Bíblicos* e o *Concerto para Violoncelo em Si Menor*. Regressou a Praga em 1895, dedicando-se à atividade de professor no Conservatório de Praga.

O início dessa expansão na área musical tcheca também é notada quando da viagem de integrantes do Teatro Nacional de Praga à Exposição Internacional de Música e Teatro em Viena, em 1892, onde

CAPÍTULO 12

ENCONTRO EXTRAORDINÁRIO DO AVIADOR BRASILEIRO E DO ESCULTOR TCHECO

1. *O avião brasileiro Alberto Santos Dumont*
2. *O escultor tcheco Josef Mařatka*
3. *O encontro*
4. *Análise do retrato de Santos Dumont e do projeto do monumento para Buenos Aires*
5. *Notas*
6. *Resumo*

1. O avião brasileiro Alberto Santos Dumont

Contatos entre dois países nem sempre se dão mediante encontros diretos entre pessoas, como, com frequência, entre críticos de arte e obras de arte expostas em bienais ou em exposições internacionais, em terceiros países. Também ocorrem encontros de pessoas, como o que vamos contar agora. Na Paris do fim do século XIX e dos primeiros anos do século XX, cenário de encontros artísticos internacionais; somos testemunhas de um dos encontros mais extraordinários, que constituem um dos episódios mais elevados do relacionamento bilateral tcheco-brasileiro. Os protagonistas são, do lado brasileiro, o primeiro avião sul-americano, Alberto Santos Dumont (1873–1932), e do lado tcheco, um dos melhores escultores tchecos, Josef Mařatka (1874–1937). A história dos encontros é muito longa e contada pelo próprio protagonista tcheco, pela sua obra, suas memórias e suas cartas que não são conhecidas no Brasil, nem eram muito sublinhadas no contexto que nos interessa na República Tcheca.

Como se sabe¹, Alberto Santos Dumont foi inventor, construtor e avião brasileiro, chamado “O Pai da Aviação”, realizador

de duas das mais decisivas conquistas na luta do homem pelo domínio do ar: a dirigibilidade dos balões e o primeiro vôo público em aeronave mais pesada que o ar. Santos Dumont nasceu na fazenda Cabangu, próximo da estação de Palmira (hoje, cidade Santos Dumont)² no estado brasileiro de Minas Gerais. Seu pai, engenheiro, mandou-o estudar em Paris, especialmente mecânica, onde achava que repousava o futuro do mundo. Alberto chegou a Paris em 1891, e lá realizou sua primeira ascensão em um balão, em 1897. Desde então, decidiu tornar-se um aeronauta. Mandou imediatamente construir seu primeiro balão, segundo ele próprio, “o melhor, o mais lindo, o único que teve um nome Brasil”.

Devido ao peso dos motores da época, andava praticamente abandonada a idéia de tornar os balões dirigíveis. Em 1898, Santos Dumont teve a idéia original de utilizar, em balões, motores a gasolina. Esse foi o grande passo para a solução do problema da dirigibilidade. Sobrevoou Paris no balão Brasil, em 4 de julho de 1898. Em 1899, praticamente conseguiu a dirigibilidade com o seu balão (nº 3). Quando construiu o de nº 4, em 1900, quase morreu. O balão seguinte (nº 5) explodiu de encontro a um prédio de Paris. Mas com o balão nº 6, impulsionado por um motor de 16 c. V., no

CAPÍTULO 13

DOIS TCHECOS EM BUSCA DOS ÍNDIOS NA SELVA BRASILEIRA: ENRIQUE STANKO VRÁZ (1860–1932) – EXPLORADOR DA AMÉRICA – SUAS FOTOGRAFIAS E ILUSTRAÇÕES, E ADALBERTO (ALBERTO) VOJTĚCH FRIČ (1882–1944) – AS VIAGENS BRASILEIRAS

1. *Vráz e a situação pós-humboldtiana*
2. *Quem foi Vráz?*
3. *A viagem de Vráz ao Brasil, desde a Venezuela*
4. *Seu livro: “Através da América Equatorial”*
5. *As coleções e investigações etnográficas de Vráz*
6. *Vráz fotógrafo*
7. *A importância de Vráz*
8. *As viagens brasileiras de Frič*
9. *Notas*
10. *Resumo*

ENRIQUE STANKO VRÁZ (1860–1932)

1. Vráz e a situação pós-humboldtiana

A partir do início do século XIX, a ilustração incitou e estimulou nas pessoas a ânsia de conhecer, de sentir experiências próprias não só seus arredores imediatos, mas também em lugares distantes, que se tornaram mais próximos, por exemplo, graças ao navio a vapor e a outros inventos da época. Isto levou ao desenvolvimento de viagens de longo alcance com finalidade de conhecimento. A nova onda de viagens pela América, desta vez não ocorre em busca de ouro ou para difundir ideais religiosos, senão de descobrimentos científicos e foi inspirada, por exemplo, em Humboldt, com quem tal tendência culminaria, mas teria ainda ecos até o século XX.^{fi} Essas

viagens tinham fins geográficos, etnográficos, de ciências naturais e linguísticos, mediante a observação e o conhecimento direto do continente americano, da gente americana, de todas as condições naturais. O destino do viajante era trazer novos conhecimentos que faziam agitar os velhos costumes e, entre outras coisas, também as convenções estéticas. Agora se sabia que existiam outras nações, outra fauna e flora, outro mundo.¹

Ainda nos anos 40, precisamente em 1846–47, esteve no Brasil o Conde Federico de Berchtold, residente na Morávia, colecionador de objetos etnográficos, acompanhando a viajante vienense Ida Peifer, na sua primeira viagem em torno ao redor do mundo.² Já se haviam passado cerca de quarenta anos desde quando apareceu no Brasil um viajante tcheco que não integrava nenhuma expedição oficial, de Estado, e enlaça com a melhor tradição humbol-

CAPÍTULO 14

O BRASIL E A TCHECOSLOVÁQUIA INDEPENDENTES

– 1919–1938

1. *Introdução*
2. *O pavilhão tchecoslovaco no Rio de Janeiro*
3. *Continuação – O arquiteto brasileiro Josef Pytlík (Pitlik)*
4. *Outros arquitetos tchecos no Brasil: Yaro Burian*
5. *Rodolpho Doubek*
6. *Notas*
7. *Resumo*

1. Introdução

No ano de 1822, o Brasil deixava de ser colônia de Portugal e proclamava a independência sob a forma de Monarquia Constitucional até 1889, ano em que foi proclamada a República. No dia 7 de setembro de 1922, o presidente do Brasil, Epitácio Pessoa, em meio a um festival de comemorações relativas ao centenário da Independência, inaugurou, oficialmente, a Exposição Internacional do Rio de Janeiro. Prédios monumentais, para abrigar estandes de catorze países e de todos os estados brasileiros, foram construídos em duas áreas contíguas, que se estenderam do Palácio Monroe ao Mercado da Praça XV e abrigaram as mostras dos principais produtos brasileiros.

Naquela noite, segundo a descrição do *Nosso Século*¹, após o “Te Deum Laudamus” celebrado na Catedral Metropolitana do Rio, todos os Palácios da Exposição e os navios ancorados no porto iluminaram-se num imenso clarão de esplendor e beleza. Pelos alto-falantes da Exposição foi transmitida, diretamente do Teatro Municipal, a ópera “O Guarani” de Carlos Gomes. Portentosa obra de arte, a Exposição de 22 enfeitou a capital

por 7 meses, até 23 de março de 1923.

Foram os seguintes os países que participaram dessa exposição: Argentina, Estados Unidos da América do Norte, Bélgica, Dinamarca, França, Inglaterra, Itália, México, Japão, Portugal, Noruega, Suécia e finalmente, last but not least, Tchecoslováquia. A que isso se deve?

O Brasil foi um dos primeiros países, não só da América, mas também do mundo a reconhecer a Tchecoslováquia independente, fruto dos esforços de várias gerações do povo e dos políticos tchecos. Estabeleceram-se relações diplomáticas já em dezembro de 1918,² sendo natural que a Tchecoslováquia aceitasse o convite do Brasil para participar do centenário da sua independência.

2. O pavilhão tchecoslovaco no Rio de Janeiro

O pavilhão da Tchecoslováquia, um dos mais belos da mostra, foi projetado pelos arquitetos Pavel Janák e Josef Pytlík, o primeiro professor da Academia de Belas Artes de Praga. Destacava-se por suas linhas e decorações externas exóticas, do ponto de vista brasileiro. Sua cobertura permitia ilu-

CAPÍTULO 15

ARTISTAS TCHECOS NO BRASIL

1. *Pelíšek – Pelichek – Peli*
2. *Jan Zach*
3. *Colofão: Zach nos Estados Unidos e no Canadá*
4. *Franta Reyl: um pintor tcheco que viveu em Teresópolis e que pintou a realidade brasileira*
5. *Milan Dušek – Dusek*
6. *Notas*
7. *Resumo*

1. Pelíšek – Pelichek – Peli

A primeira figura deste resumo do período entre as duas grandes guerras não é a de um arquiteto, mas a de um tipógrafo, que contribuiu para a visão brasileira no campo da tipografia e do desenho de capas de revistas, especialmente a muito conhecida revista *O Globo*: František Pelíšek (1896–1937). Pouco sabemos dele. Antes de partir rumo ao Brasil, esteve ativo na cidade de Brno.¹ No Brasil, foi professor da Academia de Belas Artes em Porto Alegre e presidente da Sociedade Tchecoslovaca.

Não é preciso apresentar a revista, mas sim recordar sua importância no período entre 1929 e 1967.² Dirigida por Ernst Zeuner, a seção literária e artística teve, entre seus colaboradores, além de František Pelichek (esta é a forma brasileira do seu nome), talentos como Sótero Cosme (1905–1978), João Fahrion (1898–1970), Nelson Boeira Faedrich (1912–1994), Edgar Koetz (1914–1969), João Faria Viana (1905–1975), Gastão Hofstetter (1917–1986) e vários outros, que imprimiram nas páginas dos livros e revistas publicados pela casa a dramaticidade, a leveza e a fantasia sobre os mais variados temas.

Foi a revista "O Globo" que literalmente apresentou ao Brasil os maiores escritores



Karel Souček, *Estação (Rio de Janeiro), 195(7)*, tela pintada a óleo. Galeria Nacional de Praga.

Karel Souček, *Nádraží (Rio de Janeiro), 195(7)*, olej, plátno, Národní galerie v Praze. Foto Národní galerie v Praze.

modernos, e hoje não existe brasileiro, acima de certa idade e de um certo grau de curiosidade intelectual, que não deve à *Globo* o conhecimento de escritores como Thomas Mann, Virginia Woolf, Aldous Huxley, Graham Greene, Somerset Maugham, Roger Martin du Gard, William Faulkner. Isto sem falar nos escritores brasileiros como Augusto Meyer, Moysés Vellinho, Dyonélio Machado, Mário Quintana e Érico Veríssimo, que a *Globo* lançou.³

Já em janeiro de 1931, chegava aos quiosques uma surpreendente edição, com

CAPÍTULO 16

O MUNDO PERDIDO DE KOZÁK – (1897–1979)

1. Introdução
2. Entrada em cena de Vladimír Kozák
3. Os Xetás (Hetás) perpetuados por Kozák
4. Um testemunho não oficial, as suas cartas
5. Notas
6. Resumo

1. Introdução

Vladimír Kozák (1897–1979) estava quase esquecido no momento da sua morte, em 1979, em sua casa, em Curitiba.¹ Sua irmã Karla morreu anos antes, e como Kozák não tinha família, ninguém sabia sobre ele. Mas quem era ele?²

Kozák foi um dos mais importantes etnógrafos conhecedores dos índios brasileiros. Não foi um viajante que os tivesse visitado uma ou duas vezes e escrito um livro superficial sobre suas experiências, como é comum hoje em dia. Ele conviveu com os índios, visitava-os periodicamente e os amava. Reuniu uma coleção – telas, desenhos, objetos, fotografias e rolos de filmes – quase quarenta mil peças! Inclusive 1200 quadros e 1300 esculturas. Desde os anos trinta rodou 594 filmes sobre a vida dos índios e foi o primeiro a rodar um filme etnográfico na selva. Hoje, sua herança é administrada pelo Museu Paranaense, que, depois de um longo processo administrativo, está catalogando seu acervo.³

Kozák nasceu no dia 19 de abril de 1897, em Bystřice pod Hostýnem, na Morávia, onde também mandou pintar um quadro em homenagem sua irmã Karla que viveu com ele e o ajudou nas suas expedições entre os índios brasileiros. Encomendou-o ao pintor tcheco Zdeěk Burian, pela simpatia

que tinha por sua obra, sem conhecê-lo pessoalmente. Sua irmã está representada no meio das mulheres e dos meninos índios, e, à esquerda, seu irmão Vladimír observa a cena.⁴

Vladimír Kozák, influenciado pelas leituras de Karl May, sempre teve interesse em viajar e, ainda antes de terminar seus estudos de engenharia, estudou inglês e português. Em 1924 partiu para o Brasil e pensou em continuar até os Estados Unidos, mas como obteve um cargo na Usina Elétrica da Cidade de Curitiba, resolveu ficar no Brasil. Um pouco mais tarde, Vladimír Kozák começou a trabalhar na cátedra do Departamento de Etnografia da Universidade do Paraná, e uniu-se à primeira expedição científica brasileira enviada pela universidade ao interior do país. Dez anos após ter chegado ao Brasil, em 1935, Kozák fez uma visita a seu país natal, mas não pensou que fosse a última, devido aos acontecimentos políticos desfavoráveis (ocupação alemã, governo comunista).⁵ Em consequência, chamou sua irmã Karla para voltar com ele ao Brasil.⁶ Ela o acompanhou até o final de sua vida e foi, praticamente, a primeira ou única mulher tcheca a estudar os índios.

Hoje, a melhor informação que temos sobre Kozák é um filme documentário intitulado “O mundo perdido de Kozák”. Esse documentário reconstrói sua vida em

CAPÍTULO 17

A DANÇA DO TCHECO VÁCLAV VLČEK – (1896–1968) ESCULTOR DE CORPOS E DE DESTINOS – A LITURGIA DOS CORPOS

1. *Biografia de Václav Vlček – No Brasil conhecido como Vaslav Veltchek*
2. *No Brasil*
3. *Os resultados de seu trabalho no Brasil*
4. *A criação da Escola Municipal de São Paulo*
5. *De volta ao Rio*
6. *O Conjunto Coreográfico Brasileiro*
7. *Último sucesso de Vlček: Grand Pas-de-deux*
8. *Um triste epílogo*
9. *Notas*
10. *Resumo*

1. Biografia de Václav Vlček – No Brasil conhecido como Vaslav Veltchek

Na esteira da famosa Semana de Arte Moderna de São Paulo, os pioneiros da dança deram início, na década de trinta, à busca de elementos autênticos da cultura brasileira para, conferindo-lhes um tratamento cênico, participar do movimento liderado pela música, literatura e artes plásticas. Václav Vlček (Veltchek) foi dos que mais se envolveu nesse processo. Quem era?

Vaslav Veltchek, originalmente Václav Vlček (1896–1967), tcheco naturalizado brasileiro, foi o fundador da Escola Municipal de Bailados de São Paulo, diretor do Corpo de Baile do Teatro Municipal do Rio e fundador do Conjunto Coreográfico Brasileiro, primeiro projeto social do Brasil. Ensinando dança e música às crianças órfãs da União das Operárias de Jesus despertou a profunda admiração de bra-

sileiros como Monteiro Lobato, Camargo Guarnieri, Paschoal Carlos Magno, entre inúmeros outros.

Iniciou-se com balé na Escola de Dança da Ópera Nacional de Praga, onde estudou com August Berger e Achille Viscusi. Em 1910 ingressou no corpo de baile da principal companhia de sua terra natal e pouco tempo depois foi promovido a solista dançando o balé “Fada das Bonecas”. Permaneceu em Praga até 1914, quando foi contratado, também como solista, pela Ópera de Viena, onde continuou a estudar com Viscusi atuando como o principal intérprete do balé “Contos de Andersen”. Iniciada a Primeira Guerra Mundial, foi convocado para combater nas trincheiras da primeira linha da guerra. Com o fim do conflito em 1918, foi contratado como primeiro-bailarino e coreógrafo pelo Teatro Nacional de Liubliana, capital da Iugoslávia, onde permaneceu até 1924. Lá realizou sua primeira coreografia – os três balés da ópera “A Noiva Vendida” de Bedřich Sme-

CAPÍTULO 18

JUSCELINO KUBITSCHKEK E OSCAR NIEMEYER

1. *Descendente de tchecos, Juscelino Kubitschek de Oliveira, manda construir Brasília, a capital do Brasil*
2. *Niemeyer e a Tchécoslováquia*
3. *Influências de Niemeyer na arquitetura tcheca*
4. *Na Eslováquia*
5. *Outros ecos*
6. *Notas*
7. *Resumo*

1. Descendente de tchecos, Juscelino Kubitschek de Oliveira, manda construir Brasília, a capital do Brasil

Juscelino Kubitschek de Oliveira, o famoso JK, foi médico, Presidente da República do Brasil nos anos de 1956 a 1961 e Senador da República de 1961 a 1964. Nasceu na cidade de Diamantina, no estado brasileiro de Minas Gerais, no dia 12 de setembro de 1902, filho de João César de Oliveira e de Júlia Kubitschek. Morreu em um acidente automobilístico no dia 22 de agosto de 1976. Seu pai, após ser garimpeiro, foi delegado de polícia e fiscal de rendas do município de Diamantina, embora tenha-se dedicado, primordialmente, à profissão de caixeiro-viajante. Sua mãe, professora primária desde 1898, lecionava no distrito de Palha, percorrendo a pé, diariamente, extensa distância. Dentre seus ascendentes que ocuparam posição política de relevo, destaca-se seu tio-avô João Nepomuceno Kubitschek, Senador Constituinte estadual em Minas Gerais em 1891 e vice-Presidente do Estado de 1894 a 1898, durante a presidência estadual de Crispim Jacques Bias Fortes.¹

Essa linha de descendência leva ao primeiro Kubitschek que era tcheco, originá-

rio da cidade de Třeboň, na Boêmia do Sul. Naturalmente, já possui uma monografia tcheca.² Recentemente uma fonte tentou ligar a família aos ciganos, durante o estudo da imigração deste segmento não-ibérico.³ Acredita-se que até o final do século XVIII existissem no Brasil somente ciganos originários da Península Ibérica, os chamados Calon, ou Kalé. Mas, já na primeira metade do século XIX, chegaram alguns ciganos Rom acompanhados ou não de suas famílias. Segundo Rodrigo Corrêa Teixeira, autor do livro *História dos ciganos no Brasil*, o Rom que primeiro chegou ao território mineiro foi Jan Nepomucky Kubitschek,⁴ que trabalhou como marceneiro no Serro e em Diamantina. Atendendo pela alcunha de João Alemão,⁵ era um “imigrante vindo da Boêmia, então parte do Império Austro-Húngaro, que deve ter entrado no Brasil por volta de 1830–1835, casando-se pouco depois com uma brasileira.”⁶ Em seu matrimônio com Teresa Maria de Jesus, teve pelo menos dois filhos. O primeiro foi João Nepomuceno Kubitschek, que viria a ser um destacado político.⁷ O segundo foi Augusto Elias Kubitschek, um comerciante com escassos recursos, que viveu toda sua existência em Diamantina.⁸ Augusto Kubitschek foi designado como 1º suplente de subdelegado de polícia em 1889.⁹ Também

CAPÍTULO 19

ARTISTAS BRASILEIROS NA TCHECOSLOVÁQUIA – AS SUAS VISITAS, EXPOSIÇÕES E A CRÍTICA TCHECA

1. *Introdução*
2. *Exposições brasileiras e mostras após a Segunda Guerra Mundial – 1947*
3. *Exposições durante a época comunista – 1954*
4. *Cândido Portinari – 1960*
5. *Apêndice documental: as obras de Portinari expostas em 1960 na Tchecoslováquia*
6. *Os dourados anos sessenta, novas propostas, novos contatos, novas bienais*
7. *Uma exposição de arte brasileira sem intenções políticas em 1965 (Arte brasileira vista pela crítica de arte tcheca e eslovaca)*
8. *Notas*
9. *Resumo*

1. Introdução

Na visão global, há cinco pontos de aproximação entre a arte brasileira e os olhos do público tcheco, cinco exposições na segunda metade do século XX, precisamente, depois do ano de 1947. Mais tarde, aderiram-se mostras de arquitetura, desenho e pintura. Em outro momento, outros artistas brasileiros que o público tcheco pôde conhecer graças aos críticos que os viram e sobre eles teceram seus comentários. Em geral, podemos assinalar que os tchecos têm tido menos possibilidade de conhecer a arte brasileira do que os brasileiros a arte tcheca (devido às Bienais de São Paulo, sobretudo).

Foi a gravura que, pela sua facilidade de transporte, baixo preço de seguro e a existência de cópias, ofereceu maiores possibilidades de ser exposta fora do país, e similarmente, também o desenho, embora limitado a um só exemplar.

2. Exposições brasileiras e mostras após a Segunda Guerra – 1947

A introdução das exposições após a Segunda Guerra Mundial aconteceu por intercâmbio, fruto do trabalho do artista Jan Zach, que estava a serviço da diplomacia tcheca, no Rio de Janeiro (ver cap. 13). O Brasil enviou a Praga uma pequena exposição de arte, que hoje só podemos reconstruir graças ao catálogo¹ e às críticas da época. O interesse maior da parte tcheca, indubitavelmente, consistiu em ver o que acontecia no Brasil. Mas, resultaram comentários também de outros aspectos.² Assim, sabemos que na sala da “Spolek výtvarných umění Purkyně” (Associação de Artistas Plásticos Purkyně)³ foi inaugurada uma exposição de *Desenho Brasileiro Contemporâneo*, com palavras do crítico Jaroslav Pecháček, um dos melhores da época. Foi, segundo o diário *Lidová demokracie*,⁴ a primeira exposição da América do Sul em Praga e continha um breve resumo das tendências plásticas mais importantes no Brasil. O elenco dos nomes

CAPÍTULO 2

O BRASIL HOLANDÊS

1. *A aproximação com a América e com o Brasil através dos holandeses*
2. *Os primeiros tchecos no Brasil, no lado inimigo*
3. *Os mapas holandeses da América (e do Brasil) em coleções tchecas*
4. *Globos*
5. *Frans Post*
6. *Novas Índias – cenas do paraíso no palácio arcebispal de Praga*
7. *Notas*
8. *Resumo*

1. A aproximação com a América e com o Brasil através dos holandeses

Importante papel na formação do conceito de América junto ao Reino da Boêmia tiveram, como observamos no capítulo anterior, os livros em poder das bibliotecas históricas, mosteiros, palácios e cidadãos comuns tchecos. Os holandeses contribuíram com numerosos escritos, gravuras e quadros. Graças a eles, a América chegou a ser um tema frequente até em países muito distantes do mar, como é o caso do Reino da Boêmia. Como já observamos, naquela época, na Boêmia, havia muitos adeptos do protestantismo que seguiam com grande atenção e simpatia as incursões holandesas. E, finalmente, o impacto das incursões holandesas fez-se sentir igualmente na iconografia.

Graças à atividade de Maurício de Nassau entre 1630 e 1640 nas costas da antiga Guiana Holandesa (hoje Suriname), e do Brasil, os melhores livros encontram-se entre os holandeses. Precisamente as incursões destes na chamada Costa Selvagem (atual Guiana), foram de capital importância, para sua difusão na Europa, apesar de

a colonização holandesa não ter passado das margens dos rios e, sem penetrar no interior, como fez a espanhola.

A expedição holandesa ao Brasil foi a que contribuiu, naturalmente, para o maior conhecimento da costa norte brasileira. Já por volta de 1540, haviam iniciado a exploração das salinas de Araya, no território da atual Venezuela, e em 1606 a coroa espanhola enviou uma expedição de guerra contra eles. Mas, quando as entradas do inimigo se repetiram, o governo foi obrigado a erigir uma fortaleza naquele lugar. Em 1620, apoderaram-se da Ilha de Margarita, e mais tarde, em 1628, dominaram o mar do Caribe e tomaram posse de Tortuga. Em 1634, conquistaram a Ilha de Curaçao, quando já estavam em seu poder as ilhas de Bonaire e Aruba desde o século anterior.

Quando Felipe II de Espanha ascendeu ao trono português, em 1580, Portugal converteu-se em inimigo da Holanda, e, uma vez vedado o acesso aos portos portugueses, os mercadores de Amsterdan decidiram constituir a Companhia das Índias Orientais (1602), que passou a ter o monopólio do comércio com o Oriente.

CAPÍTULO 20

A CENOGRAFIA – PONTO DE UNIÃO ENTRE O BRASIL E A TCHECOSLOVÁQUIA

1. *Josef Svoboda (1920–2002) – Grande Prêmio da Bienal de São Paulo em 1961*

2. *Notas*

3. *Resumo*

1. Josef Svoboda (1920–2002) – Grande Prêmio da Bienal de São Paulo em 1961

Um dos mais renomados e inovadores artistas internacionais da cena teatral do século XX: o cenógrafo tcheco Josef Svoboda. A cenografia antes e depois de Svoboda são dois momentos diferentes. Seus gestos cinéticos e espaciais de grande beleza e a constante mudança de significado, utilizando as mais modernas possibilidades da técnica, da física e da química, fizeram deslumbrar no teatro, influenciando no mundo inteiro.¹

Josef Svoboda nasceu em 1920, na pequena cidade de Čáslav, próxima a Praga; morreu na capital em 2002. Ainda muito jovem, começou a fazer maquetes e projetos cenográficos em um grupo amador. Devotou seu talento genial ao teatro. Nessa época, o aspirante a cenógrafo pretendia seguir para a universidade, mas, com a Segunda Guerra Mundial, todos os estabelecimentos de ensino tchecos fecharam e Svoboda teve de esperar. Passado o conflito, surge nova chance de estudar e dessa vez ele aproveitou para se inscrever no curso de cenografia no Conservatório de Praga. Formado em arquitetura, mas rapidamente atraído pelo teatro, iniciou suas pesquisas em cenografias após a Segunda Guerra e, em 1958, apresentava suas combinações revolucionárias na Expo 58, em Bruxelas. Seu currículo envolve a atuação em mais

de 700 peças, montadas dentro ou fora da antiga Tchecoslováquia, a participação na criação da Grande Ópera de Praga e na Direção artística do Teatro Nacional.²

Josef Svoboda é um nome que brilhou, há mais de cinquenta anos nos palcos tchecos e mundiais, desde Praga a Nova York, São Paulo e Barcelona.³ Até o fim de sua vida foi uma estrela permanente, e ainda depois de sua morte segue sendo atraente através das exposições, a última delas em 2005.

Mas, para compreender melhor as razões da renovação da cena por Svoboda, devemos lançar um olhar ao passado e lembrar que o pequeno país na Europa Central sempre tivera artistas de vanguarda. A produção tcheca da primeira metade do século XX, realmente pioneira, antecipou-se e equacionou a relação entre arte e tecnologia. Os artistas tchecos desse período se sobressaíram a partir da década de 1920, quando vários se lançaram à criação de um mundo utópico e irracional por meio das técnicas e materiais mais “modernos” de que dispunham. Sua utopia modernista aliava, inusitadamente, construtivismo e surrealismo, rigor técnico e poesia. O primeiro foi Zdeněk Pešánek (1896–1965), quem, fascinado com a chegada da energia elétrica, criou esculturas “cinético-luminosas”. Pešánek, que também teorizou e escreveu sobre

CAPÍTULO 21

A VANGUARDA BRASILEIRA NA CENOGRAFIA SE ORIGINA EM PRAGA

HÉLIO EICHBAUER: UM ALUNO BRASILEIRO DE SVOBODA COM PERSONALIDADE PRÓPRIA

1. *Uma lembrança pessoal*
2. *De volta ao Brasil e a Praga*
3. *Resumo da obra no Brasil*
4. *Germano Blum – outro mestre (Jiří Trnka), iguais resultados*
5. *Outros premiados e participantes brasileiros na Quadrienal de Praga*
6. *A Quadrienal de Praga*
7. *Notas*
8. *Resumo*

1. Uma lembrança pessoal

Quando eu estudava História da Arte, como aluno livre, pois a família não tinha dinheiro para manter-me, nos anos sessenta, conheci um grupo de estudantes latino-americanos, nos meus intentos de estudar espanhol e português. Entre eles havia mexicanos, cubanos, peruanos e brasileiros, sobretudo. E entre os brasileiros, havia dois amigos que me ensinaram o português do Brasil: um carioca e um paulista, que pronunciavam a sua língua comum de maneira diferente; e havia um jovem muito atípico para ser brasileiro, tanto pelo seu nome, como pelo aspecto: Hélio Eichbauer; era alto, vermelho, e chegou a Praga no auge da cenografia tcheca.¹ Pouco depois eu soube que era um dos melhores artistas desta especialização, a cenografia. Ele fazia pintura abstrata que, em Praga, pouco se via naqueles anos, nas galerias oficiais (na época comunista todas eram oficiais). Com ele e o grupo, pois havia entre eles também músicos e cantores, como o venezuelano que logo fez uma carreira

importante como baixo em Viena, Pedro Liendo, já conversávamos sobre coisas de arte. Eichbauer estudou cenografia e arquitetura cênica em Praga de 1962 a 1966, sob orientação de Josef Svoboda,² considerado o maior profissional da área no mundo,³ e a quem Hélio já conhecia de suas participações nas bienais de São Paulo.⁴

Hélio Eichbauer, meu contemporâneo (Rio de Janeiro, RJ 1941)⁵, considerado, com justiça, um dos principais renovadores da cenografia brasileira moderna, transitou por várias gerações de artistas, colaborando com idéias arrojadas para muitas encenações importantes da produção nacional. Em lugar dos recursos ilustrativos ou descritivos, propôs a metáfora, a livre-interpretação, o papel do autor do cenário na concepção artística do espetáculo.⁶

Eichbauer não se limitou à antiga Tchechoslováquia. Transitou pela Europa Central e pelo mundo. Estagiou no Berliner Ensemble e na Ópera de Berlim, na antiga Alemanha Oriental, e circulou também pelo Ocidente, pela França e Itália, em me-

CAPÍTULO 22

TRÊS FOTÓGRAFOS BRASILEIROS SEBASTIÃO SALGADO, CARLOS GOLDRUB E ANDRÉ DUSEK

1. *Sebastião Salgado – A exposição mais visitada na República Tcheca*
2. *Cidade de prazeres virtuais ou cidade pecaminosa? – A São Paulo de Carlos Goldrub*
3. *Um fotógrafo brasileiro de ascendência tcheca – André Dusek*
4. *Notas*
5. *Resumo*

1. Sebastião Salgado – A Exposição mais visitada na República Tcheca

A exposição *Operários (Workers)* de Sebastião Salgado em 2005 foi a mais visitada na República Tcheca.¹ Foi uma exposição organizada pela Galeria Leica de Praga e pela Embaixada do Brasil, em todos os sentidos extraordinária. Foi apresentada em três vagões da Ferrovia Tcheca (České dráhy), pintados de verde e amarelo “Embaixada do Brasil”, e viajou por todas as estações e entrocamentos importantes da República Tcheca. O “trem Salgado” saiu no dia 1º de maio de 2005 de Praga e depois de percorrer várias cidades, regressou à capital no dia 30 de agosto. No total foram 63 dias de exposição, visitada por 47 mil pessoas, uma média de 746 pessoas por dia. O autor esteve presente na inauguração, a cargo do Embaixador do Brasil em Praga, Affonso de Alencastro Massot. Salgado mostrou os resultados dos seis anos de fotografias tiradas no mundo inteiro (exatamente em 27 países). O resultado é uma profunda sondagem sociológica das forças de trabalho que informa sobre as mudanças da estratificação no mundo contemporâneo. É uma homenagem ao mundo duro do trabalho manual que está desaparecendo. A representação de Salgado, de grande

altura estética, se converte numa epopéia da gente que aguarda com paciência, sem perder o seu orgulho e a esperança. É um depoimento sobre a dignidade humana. Estas fotografias são a história de uma época, são uma arqueologia visual do que que pode ser ainda chamada de revolução industrial, época em que o trabalho manual era o centro do mundo. A estrutura da produção e a sua efetividade mudaram, e com eles também a maneira de trabalhar. O mundo altamente industrializado corre rumo ao futuro, mas o planeta fica dividido: o Primeiro Mundo em crise de opulência, o Terceiro Mundo em crise de insuficiência e, no final do século XX, o Segundo Mundo, baseado antes no “socialismo”, em ruínas. Esse “todo” estava nas 81 fotografias selecionadas por Lélia Wanck Salgado.² Naquela oportunidade, Salgado declarou à Rádio Tcheca: *“Me agrada muito poder exibir as fotos desta maneira, em um trem. De vez em quando parece-me um pouco injusto trazer uma exposição a um país, apresentá-la só numa galeria, numa cidade, onde só pode vê-la um determinado número de pessoas e os demais devem viajar muito para poder visitá-la. Para mim, esta é uma das maneiras mais democráticas e acho que é uma idéia genial. No futuro, espero poder apresentar sempre a minha obra desta for-*

CAPÍTULO 3

VIDA E OBRA DO JESUÍTA BOÊMIO SAMUEL FRITZ (1654–1725)

O PRIMEIRO MAPA DO RIO AMAZONAS

Amazônia (“Pai das Águas”), Reino de Deus do jesuíta tcheco Fritz

1. *Os missionários jesuítas da Boêmia no Novo Mundo (1678–1767)*
2. *Samuel Fritz, suas formação e viagens*
3. *Ao ultramar: Quito via Cartagena (1684–1685) e depois Amazonas*
4. *Situação na Amazônia na passagem dos séculos XVII e XVIII. Conflito pelas fronteiras*
5. *A conquista do rio Solimões*
6. *Diário de viagem – fonte de inspiração atual*
7. *Entre os Omágua (1686–1704). No rio Babel*
8. *A grande navegação (1689–1691) e o mapa*
9. *A viagem através das montanhas (1692–1693)*
10. *A fala das suas cartas e do seu diário*
11. *Conceição Limpa de Jéberos (1714–1725)*
12. *Mapa Geográfico do Rio Maranhão ou Amazona, feito pelo padre Samuel Fritz, da Companhia de Jesus, Missionário neste mesmo rio Amazonas, no ano de 1691*
13. *A legenda do mapa feita pelo padre Fritz*
14. *Notas*
15. *Resumo*

1. Os missionários jesuítas da Boêmia no Novo Mundo (1678–1767)

Os trabalhos missionários dos jesuítas da Boêmia, tão característicos da época barroca, não começaram a desenvolver-se senão meio século depois da fundação da nova província da Companhia, em 1664, quando o Reino da Espanha permitiu entrar nos territórios hispano-americanos (e Filipinas) também a egressos de outras nacionalidades súditas da segunda casa Habsburgo – dando-se a conhecer essa decisão, baseada na Real Cédula, por uma circular

do geral da Companhia.¹ O primeiro grupo de jesuítas partiu da Boêmia em 1678.

No total eram sete grupos:² o primeiro em 1678, o segundo em 1684 (com este, parte Fritz), o terceiro em 1686, o quarto em 1687, o quinto em 1692, o sexto em 1693 e o sétimo e último em 1729. A distribuição de missionários jesuítas procedentes da Boêmia foi a seguinte: no México (30),³ nas Filipinas (20), no Paraguai (30), em Quito (15), no Peru e no Chile (12), e ainda na Índia e na China (9). Assim, na América foram cerca de 160 missionários procedentes dos países da Coroa tcheca (Boêmia, Morávia e Silésia); deles, pouco

CAPÍTULO 4

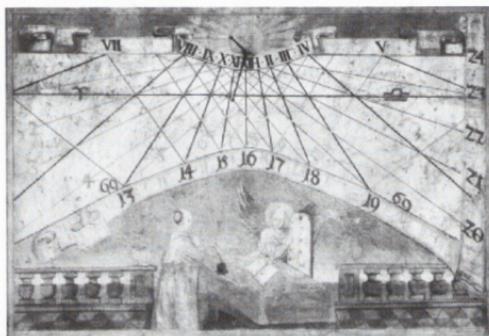
VALENTIN STANSEL – UM OBSERVADOR TCHECO DOS CÉUS BRASILEIROS

1. A personalidade do jesuíta morávio Valentin Stansel
2. Stansel em Portugal
3. Mudança para o Brasil
4. Observador incansável, na Bahia
5. Notas
6. Resumo

1. A personalidade do jesuíta morávio Valentin Stansel

Depois dos esboços biográficos do jesuíta tcheco, Valentin Stansel, de autoria do investigador brasileiro, Carlos Ziller Camenietzki, pouco pode agregar-se à biografia do missionário. Por essa razão, praticamente, transcrevo um pequeno resumo do texto de Camenietzki, com o amável beneplácito do autor¹ e agrego umas observações próprias, da literatura tcheca, inaccessíveis aos pesquisadores brasileiros.

Quem foi Valentin Stansel (1621–1705)? Tcheco, nascido na terra da Morávia, que ingressou na Companhia de Jesus em Praga e, desde cedo, dedicou-se ao estudo das matemáticas e da Filosofia Natural (hoje Física). Documentos demonstram que falava a língua morávia (tcheca), alemão e latim.² Sempre quis ser missionário. Em 1656 partiu da Boêmia para Roma, depois para Lisboa, permanecendo em Portugal até 1663, e mudando-se logo para o Brasil, onde viveu até a sua morte. Seus numerosos escritos de ciência tratam de temas importantes do seu tempo e, particularmente, aqueles escritos na Bahia tiveram boa repercussão entre os sábios do século XVII. Stansel escreveu um número expressivo de obras de filosofia natural e de astronomia.



Relógio do Sol, no antigo Colégio Jesuíta Clementinum de Praga, cuja concepção é atribuída ao P. Valentin Stansel.

Sluneční hodiny v bývalé pražské jezuitské koleji Klementinu, jejichž návrh je připisován P. Valentinu Stanselovi.

Apenas sete foram publicadas durante sua vida.³ As demais acabaram censuradas pela própria Companhia ou perdidas após a expulsão da Companhia de Jesus dos domínios da Coroa de Portugal, em 1759, o que acabou por dispersar os papéis do padre astrônomo – manuscritos, correspondência, etc. Com isso, foi-se também uma parte significativa da memória de seus estudos, e suas atividades acabaram por cair no esquecimento.

O pensamento do Padre Valentin era profundamente marcado pelo ecletismo típico de seu tempo e suas idéias não se

CAPÍTULO 5

SÃO JOÃO NEPOMUCENO – O CULTO DE UM SANTO TCHECO EM PORTUGAL E NO BRASIL

1. *O culto de São João Nepomuceno – a sua origem e sua passagem a Portugal*
2. *Introdução do culto de São João Nepomuceno em Portugal – o papel da Rainha D. Mariana*
3. *Fontes impressas da época*
4. *Além mar, no Brasil*
5. *O culto de um santo tcheco – São João Nepomuceno – de Aleijadinho à cidade de São João Nepomuceno*
6. *Notas*
7. *Resumo*

1. O culto de São João Nepomuceno – a sua origem e sua passagem a Portugal

Se resumirmos a vida deste santo da maneira mais breve possível, seguindo a *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*,¹ então sabemos que nasceu em Nepomuk (Boêmia, atual República Tcheca, de pai alemão e mãe tcheca, foi cônego da Sé de Praga, capital do Reino na metade do século XIV, durante o governo do rei Venceslau IV, filho do Imperador do Sacro Império Romano-Germânico, Carlos IV. João Nepomuceno (em tcheco, Jan Nepomucký) foi escolhido pela Rainha Sofia, mulher de Venceslau IV, para ser seu guia espiritual. Passado algum tempo, o rei começou a maltratar a esposa, movido por injustificados ciúmes e suspeitas. Depois de várias tentativas para obter do confessor a revelação dos segredos da Rainha, mandou-o prender e submeteu-o a diversas torturas. Por fim, como nada conseguiu, ordenou enfurecido: “Tirem este homem de perto de mim e lancem-no ao rio, sem que o povo saiba”. São João Nepomuceno foi, efetivamente, precipitado da ponte do rio Moldava (em tcheco, Vltava), em 16 de

maio de 1383. Vários prodígios informaram sobre o crime aos habitantes de Praga que recolheram o corpo e o sepultaram. O mártir foi canonizado por Bento XII em 19 de março de 1729, e teve culto em Lisboa, por devoção da Rainha D. Mariana de Áustria, mulher do Rei D. João V, desde o ano 1708. O Papa Clemente XII, por breve de 4 de maio 1734, ordenou que em todas as igrejas portuguesas se rezasse a São João Nepomuceno, no dia 16 de maio, com oração própria, em rito duplo.²

2. Introdução do culto de São João Nepomuceno em Portugal – o papel da Rainha D. Mariana

O culto de São João Nepomuceno aparece em Portugal muito cedo, segundo podemos observar nos primeiros livros com gravuras (ou sem elas) conservados tanto na Biblioteca Nacional como na Biblioteca da Ajuda ou na da Academia de Ciências de Lisboa³. O primeiro, sem ilustrações, data em 1712, quer dizer, é já anterior não somente à sua canonização em 1729, mais também à sua beatificação em 1721.⁴

CAPÍTULO 6

O MENINO JESUS DE PRAGA E NOSSA SENHORA APARECIDA

1. *A origem da devoção ao Menino Jesus de Praga*
2. *A Difusão da Lenda e do Culto – Brasil e Portugal*
3. *Nossa Senhora da Conceição Aparecida, Padroeira Católica do Brasil – A história da Imagem e o início da devoção*
4. *Entronização de Nossa Senhora Aparecida na Igreja do Menino Jesus de Praga*
5. *Notas*
6. *Resumo*

1. A origem da devoção ao Menino Jesus de Praga

Fernando II de Habsburgo, Imperador do Santo Império Romano Germânico, para manifestar sua gratidão a Nosso Senhor pela insigne vitória alcançada em uma batalha, fundou em 1620, na cidade de Praga, um Convento de Padres Carmelitas.¹ Eram difíceis os tempos que se atravessava quando chegaram estes excelentes religiosos, pois se achavam cansados das guerras sangrentas que mantinham Praga presa nas maiores calamidades, a tal ponto que o próprio mosteiro dos Carmelitas carecia do indispensável para sobreviver. Nesta época vivia em Praga a piedosa princesa Polixena de Lobkowitz, que, sentindo na alma as necessidades básicas dos Carmelitas, resolveu entregar-lhes uma pequena estátua de cera, de 48 cm, que representava um formoso Menino Jesus, de pé, com a mão direita levantada, em uma atitude de abençoar, enquanto com a esquerda segurava um globo dourado. Seu rosto era muito amável e cheio de graça, a túnica e o manto haviam sido arrumados pela própria princesa, ao qual, ao dar a estátua a esses religiosos, lhes disse: “Meus Pais, os entrego o bem mais caro que possuo no



Menino Jesus de Praga.
Pražské Jezulátko.

mundo: honrem muito a esse Menino Jesus e nada lhes faltará”.

A estátua foi recebida com gratidão e colocada no Oratório interior do Convento, onde foi objeto de veneração de todos aqueles bons Padres, distinguindo-se entre todos o Padre Cirilo, que verdadeiramente poderia intitular-se o apóstolo do divino Jesus de Praga.

A promessa da majestosa princesa se cumpriu ao pé da letra, e os maravilhosos

CAPÍTULO 7

OS BOÊMIOS NO DESCOBRIMENTO CIENTÍFICO DO BRASIL DO SÉCULO XIX: POHL, MIKAN, SCHOTT E OUTROS

1. *As viagens científicas em geral*
2. *A expedição austríaca*
3. *O Museu Brasileiro de Viena*
4. *Rochus Schuech*
5. *Johann Emanuel Pohl*
6. *Johann Christian Mikan*
7. *Franz Josef Frühbeck e Ludwig Czerny*
8. *Notas*
9. *Resumo*

1. As viagens científicas em geral

Os séculos XVIII e XIX podem ser caracterizados, de um modo geral, do ponto de vista científico, pelo movimento de naturalistas viajantes. A busca pelo domínio da natureza, favorecida pelas viagens científicas, aparece como uma constante nesse momento da cultura européia. Por trás da busca de um domínio, existia uma ideologia utilitarista, que durante todo o século XIX predominou naquelas viagens, em que a natureza era visada para o favorecimento do ser humano.

O movimento de naturalistas estrangeiros no Brasil intensificou-se com a chegada da família real portuguesa em 1808. A corte estimulou as viagens, de modo que este período chegou a ser caracterizado como “o novo descobrimento do Brasil”. O Brasil era, até então, terra quase incógnita na Europa, e a exemplo do que aconteceu nas colônias espanholas, a participação de brasileiros em tais explorações foi reduzida. Os naturalistas nacionais contribuíram em um trabalho conjunto com os estrangeiros, mas nem sempre ganharam relevância.

As viagens científicas em geral apresentavam certos elementos em comum, que se podem categorizar e analisar separadamente. Em síntese, estas viagens apresentavam uma fase preparatória, um segundo momento constituído pela viagem em si e, por último, o trabalho posterior às atividades de campo, no qual os naturalistas sistematizavam os dados recolhidos em suas explorações.

Ao se planejar uma viagem científica, era necessário escolher, em primeiro lugar, o seu destino, levando em conta os objetivos almejados. Em geral, o destino da viagem dos europeus era quase sempre as colônias, que representavam terras distantes e desconhecidas, contendo natureza e povos exóticos e, o mais importante, com potencial de exploração. Porém, esta busca de terras desconhecidas vai além do espírito aventureiro do viajante, tendo também razões práticas, como o diagnóstico das riquezas, sendo necessário mapear os motivos políticos e econômicos que amparam cada viagem científica. Existiam interesses, tanto pessoais, dos próprios naturalistas viajantes, como do Estado que financiava

CAPÍTULO 8

A LIGAÇÃO DOS BRAGANÇAS COM O REINO DA BOÊMIA

1. *A monarquia no Brasil*
2. *D. Pedro II em Praga*
3. *O casamento de Pedro de Alcântara com uma tcheca*
4. *O Palácio dos Dobrzensky (Dobřenských) em Praga – Sede da Embaixada do Brasil*
5. *Notas*
6. *Resumo*

1. A monarquia no Brasil

Foram os Braganças que fundaram o Império no Brasil, o único país das Américas que nasceu sem revoluções. Houve muito interesse na primeira fase da formação do Império do Brasil, desde o momento da fuga da família real ao Brasil em 1808. Como é bem sabido, dez anos depois da derrota dos franceses em Lisboa em 1811, o Rei de Portugal, D. João VI, decidiu regressar a Lisboa, mas o príncipe regente e herdeiro, ficou no Brasil e negou prestar obediência à corte portuguesa. Isto aconteceu no dia 3 de junho de 1822. No 7 de setembro do mesmo ano declarou a Independência do Brasil, sendo coroado Imperador constitucional no dia 12 de dezembro de 1822. Naquela data já estava casado, desde 1817, com a arquiduquesa austríaca Maria Leopoldina Josefa Carolina (1797–1826). O casamento do príncipe D. Pedro I foi obra mestra da diplomacia do seu pai D. João VI.

A nova nação independente começava a desenvolver-se nesse período, sob a liderança de um príncipe português profundamente influenciado pelas idéias românticas de seu tempo. Chama-se a si mesmo “Montezuma” nas reuniões maçônicas e faz-se coroar Imperador do Brasil, vestindo em vez de manto um belo poncho, com

um rica cobertura de penas de papo de tucano. Com seu filho, D. Pedro II, a partir de 1840, floresce no Brasil o Indianismo, com belas manifestações na literatura, pintura e música, e o nobre índio passa a ser o símbolo do próprio Império do Brasil até 1889, quando é proclamada a República.

Mas, lembremos ainda os destinos do Imperador e de sua família. Em Portugal, continuou como D. Pedro IV, renunciando a seu poder em favor de sua filha Maria da Glória (Maria II). No Brasil, continuou a sua casa com seu filho Pedro (1825–1891), posteriormente D. Pedro II. É notável recordar que D. Pedro I casou sua jovem filha Maria da Glória, rainha de Portugal, com o irmão da sua mulher Augusto Eurge (1810–1835) que morreu no ano de seu casamento. D. Pedro I abdicou no dia 7 de abril de 1831 em favor do seu filho D. Pedro II e voltou a Portugal, onde morreu, no dia 24 de setembro de 1834, no seu palácio natal, Queluz, como D. Pedro IV.

2. D. Pedro II em Praga

D. Pedro II (1825–1891) foi muito jovem Imperador do Brasil, país que governou durante 59 anos, terminando o seu governo no dia 15 de novembro de 1889,

CAPÍTULO 9

FERDINAND STANISLAUS KRUMHOLZ (1810–1878) EM PORTUGAL E NO BRASIL

1. *A sua vida, os inícios*
2. *Portugal, início da aventura brasileira*
3. *No Brasil e depois*
4. *Notas*
5. *Resumo*

1. A sua vida, os inícios

Se pretendemos fazer uma síntese biográfica deste pintor que desempenhou um papel muito importante na pintura oficial em Lisboa e no Rio de Janeiro, há de se partir do antigo dicionário Thieme-Becker¹, no qual encontramos muitas informações até hoje válidas. Graças ao esforço dos últimos estudos agregaram-se dados que permitem traçar uma pequena biografia de F. S. Krumholz, a qual aqui pretendemos apresentar as pesquisas de Zuzana Paternostro² do lado brasileiro, e as de Marie Schenková³ do lado tcheco. Do lado austríaco apareceu uma biografia em versão eletrônica⁴ Ultimamente, o mercado internacional de leilões tem contribuído também para o conhecimento de sua obra.⁵ Mas, há de se ressaltar que no Brasil não foi esquecido jamais.

Devemos destacar que Krumholz é um moravo de língua alemã, nascido em 7 de maio 1810 em Hof ou Dvorce (atual República Tcheca, Silésia,⁶ região de Morávia) e falecido em Berna (Suíça) em 1878. Hoje conhecemos o seu aspecto, não por um auto-retrato como podíamos ter esperado de um retratista, mas graças a uma fotografia, recentemente saída à luz, de um homem digno e ainda na velhice – charmant – sentado na poltrona, meditativo, de visão penetrante e equilibrada.

O pai de Krumholz era Diretor dos correios locais. O filho, de talento inegável, dedicou-se ao estudo da pintura já desde jovem. Primeiro com seu tio Stanislaus Michael Krumholz (de quem tinha o nome eslavo), pintor de quadros de igrejas locais, depois nos estudos de bacharelato em Olo-mouc. A partir de 1826, estudou na Academia de Belas Artes de Viena com os professores A. Petter, J. Redl, J. Ender, e com o escultor J. N. Schaller.

Em Viena conheceu o conde tcheco Czernin que o levou para Trieste como seu mestre de desenho. Estudou dois anos na Academia de Veneza da qual se graduou, com distinção, com três pinturas a óleo e estudos do Desnudo. Em seguida, passou por Roma e Nápoles. Nesses lugares, não somente fazia cópias dos mestres antigos, mas também pintava e desenhava segundo modelos. Pintava vistas das cidades acima enumeradas, e de Pompéia.

Durante um breve tempo voltou, em 1832, ao seu país natal e, finalmente em 1834, instalou-se em Paris, onde estudou em uma das academias. Interessou-se pela obra dos pintores neoclássicos como J. L. David e J. A. Ingres, assim como pela obra dos românticos como E. Delacroix. Chegou a ser um retratista de prestígio, sobretudo para as camadas parisienses proeminentes. Expôs nos famosos *Salons*, nos quais par-